



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS *VI* - POETA PINTO DO MONTEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**MARIA ALANY SOARES DE OLIVEIRA**

**CORPO, MÍDIA E CONSUMO DE PADRÕES DE BELEZA: UMA ANÁLISE  
DOS CONTOS O DECOTE E CASAL DE TRÊS, DE A VIDA COMO ELA É, DE  
NELSON RODRIGUES, À LUZ DAS TEORIAS DE GILLES LIPOVETSKY E  
THEODOR ADORNO**

MONTEIRO-PB

2017

**MARIA ALANY SOARES DE OLIVEIRA**

**CORPO, MÍDIA E CONSUMO DE PADRÕES DE BELEZA: UMA ANÁLISE DOS CONTOS O DECOTE E CASAL DE TRÊS, DE A VIDA COMO ELA É, DE NELSON RODRIGUES, À LUZ DAS TEORIAS DE GILLES LIPOVETSKY E THEODOR ADORNO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras-Habilitação plena em Língua Portuguesa, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes

MONTEIRO-PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48c Oliveira, Maria Alany Soares de.  
Corpo, mídia e consumo de padrões de beleza [manuscrito] : uma análise dos contos "O decote e Casal de três", de "A vida como ela é", de Nelson Rodrigues, à luz das teorias de Gilles Lipovetsky e Theodor Adorno / Maria Alany Soares de Oliveira. - 2017.  
31 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."  
1. Nelson Rodrigues. 2. Beleza física (Estética). 3. A vida como ela é (Conto). 4. Estética na literatura. I. Título  
21. ed. CDD 801.93

MARIA ALANY SOARES DE OLIVEIRA

**CORPO, MÍDIA E CONSUMO DE PADRÕES DE BELEZA: UMA ANÁLISE  
DOS CONTOS *O DECOTE* E *CASAL DE TRÊS*, DE *A VIDA COMO ELA É*, DE  
NELSON RODRIGUES, À LUZ DAS TEORIAS DE GILLES LIPOVETSKY E  
THEODOR ADORNO**

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em Letras-Habilitação plena  
em Língua Portuguesa, em cumprimento  
à exigência para obtenção do grau de  
Licenciada em Letras/ Português

Aprovada em 06/12/2017.



Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes

UEPB  
Orientador



Prof. M<sup>a</sup> Simone dos Santos Alves Ferreira

UEPB



Prof. Esp. Natássia Thais do Nascimento Ribeiro

UEPB

**Dedico este trabalho a DEUS, nosso Pai todo poderoso, e a minha família.**

## AGRADECIMENTOS

Entendo que nesta vida não conseguimos caminhar sem a ajuda/contribuição de pessoas, de forma que não podemos deixar de agradecer a essas por cada novo passo que dado, cada nova conquista que alcançamos.

Primeiramente, agradeço a DEUS, nosso Pai todo poderoso, pelo dom da vida, pelas bênçãos e proteção que ELE tem nos proporcionado e por mais essa conquista.

Gostaria de agradecer também a minha família que acreditou e muito me deu força e incentivos para alcançar mais esse objetivo que foi a graduação.

Não posso deixar de agradecer a Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade do curso superior. Algo que já esteve bem distante de nós, ao ponto de acreditarmos que isso não nos alcançaria.

Agradecer também aos vários professores que contribuíram para minha formação acadêmica e, em especial, ao meu orientador Márcio Gomes que abraçou que ideia de desenvolver esta trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer ao meus colegas de curso que muito colaboraram durante esse período, de modo que, juntos, conseguíssemos superam todas as dificuldades surgidas.

Só posso dizer, muito obrigados a todas que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste meu sonho.

*Conheci a precipitada, exaltação  
da vitória e a dor torturante da derrota.*

Stan Lee, 1989

## RESUMO

A partir de meados do século XIX começa a se enxergar uma preocupação constante com o culto ao corpo, tema este por demais relevante à mídia, em especial a brasileira que tem no corpo um veículo econômico, interessando a diversas classes sociais e públicos de todas as idades. Partindo disso, o presente trabalho tem por objetivo interpretar os contos *O decote* e *Casal de três*, de Nelson Rodrigues, à luz das teorias de Adorno (1985) e Lipovetsky (2006). Nessa perspectiva, o presente trabalho questiona qual o diagnóstico que se pode levantar acerca da insatisfação e decepção do público quanto à busca desenfreada pela beleza estética. No que tange aos procedimentos, a presente obra é uma pesquisa bibliográfica realizada a partir de um levantamento bibliográfico divulgado em formas de livros, revistas, internet, jornais, entre outros. Como contribuições teóricas, foram utilizadas as obras *O luxo eterno*, *A Sociedade da Decepção*, *A felicidade paradoxal* e *A estetização do mundo*, de Lipovetsky (2006, 2012), que refletem a insatisfação e decepção do público na busca pela beleza estética. Os resultados obtidos apontam para traços de frustração, decepção e insatisfação do público quanto à busca desenfreada pela beleza e os contos de Nelson Rodrigues apontam para isso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rodrigues. Sociedade. Felicidade.



## ABSTRACT

Beginning in the mid-nineteenth century, a constant preoccupation with the cult of the body began to emerge, a subject that is too relevant to the media, especially the Brazilian woman who has an economic vehicle in the body, interested in various social and public classes of all ages. Based on this, the present work aims to interpret the tales *The neckline and Casal de tres*, by Nelson Rodrigues, in light of the theories of Adorno (1985) and Lipovetsky (2006). From this perspective, the present work questions the diagnosis that can be raised about public dissatisfaction and disappointment as to the unbridled search for aesthetic beauty. With regard to procedures, the present work is a bibliographical research based on a bibliographical survey published in books, magazines, internet, newspapers, among others. As theoretical contributions, the works *Eternal Luxury*, *The Society of Deception*, *The Paradoxical Happiness* and *The Aesthetization of the World*, by Lipovetsky (2006, 2012) were used, which well reflect the dissatisfaction and disappointment of the public in the search for aesthetic beauty. The results obtained point to traces of frustration, disappointment and public dissatisfaction about the search unbridled for beauty, which is initially seduced by the tales of Nelson Rodrigues, but is frustrated to realize that this is something superfluous and fleeting.

**KEYWORDS:** Rodríguez. Society. Happiness.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – A EXALTAÇÃO DO CORPO NA ATUALIDADE .....</b>	<b>13</b>
1.1 PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO PAÍS: INSERÇÃO NA CULTURA DE MASSA .....	13
1.2 CARACTERÍSTICAS DO BELO NA MÍDIA SOBRE O PADRÃO DE BELEZA DA MULHER .....	15
<b>CAPÍTULO II - INTERPRETAÇÃO DOS CONTOS <i>O DECOTE E CASAL DE TRÊS, DA A VIDA COMO ELA É, À LUZ DA CULTURA DO EMBELEZAMENTO</i> .....</b>	<b>22</b>
2.2 ANÁLISE DOS CONTOS <i>O DECOTE E CASAL DE TRÊS, DE A VIDA COMO ELA É, DE NELSON RODRIGUES, À LUZ DAS TEORIAS DE ADORNO E LIPOVETSKY</i> .....	25
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Foi a partir do século XIX que começa a se perceber uma preocupação constante com o culto ao corpo, tema este muito interessante para mídia, e, especificamente, à mídia brasileira a qual produz e reproduz o corpo como veículo fundamental da industrialização econômica, que por sua vez interessa a diversas classes sociais e públicos de todas as idades, que ora preocupam-se com a estética, ora com a saúde.

Nessa perspectiva, o presente trabalho questiona qual o diagnóstico que se pode levantar acerca da insatisfação e decepção do público quanto a busca desenfreada pela beleza estética na contemporaneidade? Procuraremos, para isso, abordar alguns contos de Nelson Rodrigues por entendermos que ali a relação entre a mulher e seu desejo de beleza e a consequente frustração e decepção com relação a isso estarem bem representados do ponto de vista literário.

A justificativa para utilizar os contos de Nelson Rodrigues reside no fato de eles apresentem nuances da vaidade feminina, tais como a vaidade e a estética corporal como comprovação para determinados comportamentos na medida em que trata em seus textos de determinados tabus morais. Os contos que escolhemos para a discussão apresentam traços ou aspectos que servem para prender a atenção do leitor e interagir de forma implícita com os conceitos de beleza, aguçando os desejos, a insatisfação imediata, o hedonismo exagerado, marcas e traços de uma sociedade a exemplo da forma de corpo perfeito, como é mostrado também na mídia.

Conforme apontam Conti, Bertolin e Peres (2010), a mídia é sinônimo de meio de comunicação social, responsável pela transmissão das informações. Ela configura-se, na contemporaneidade, como uma das instituições responsáveis pela educação no mundo atual, trazendo tanto benefícios como malefícios, ao transmitir valores e padrões de conduta que são socializados entre as famílias. Assim, a mídia e especificamente a mídia de massa através de telenovelas contribui para formação e estruturação imaginária do sujeito que assiste, através de transmissões diárias que ajudam a construir valores, hábitos e padrões de conduta, beleza e sofisticação.

Além disso, pode-se dizer que essa é a origem da frustração do sujeito, que é exposto a um determinado componente ligado a um desejo seu que o seduz, mas que não é disponibilizado para o telespectador, que a ele dificilmente tem acesso.

Essa relação que se dá entre exposição e insatisfação é contemporaneamente trabalhada, dentre outros autores, por Lipovetsky (2007), que vê na sociedade atual um dilema uma vez que ela incentiva a busca pelo prazer e a beleza estética como um modo de alcançar a satisfação

pessoal e a promessa de felicidade, mas ao mesmo tempo restringe o acesso a esse padrão de beleza pelo consumo daquilo que é supérfluo e fugaz.

Isto posto, o objetivo deste trabalho será identificar e discutir alguns traços ligados à ambivalência relacionada aos contos *O decote* e *Casal de três*, de Nelson Rodrigues, de “A vida como ela é” (1998), à luz das teorias de Adorno (1985) e Lipovetsky (2006). Entendemos que se por um lado alimentam-se desejos vários no sujeito leitor/telespectador, por outro produzem também decepção, insatisfação e frustração do sujeito contemporâneo, que insatisfeito com sua aparência na relação que estabelece com a sociedade e com o consumo na atualidade por meio dos conteúdos abordados nestes contos com essa insatisfação permanece.

No que concerne à metodologia do trabalho, esta é uma pesquisa bibliográfica, que de acordo Marconi e Lakatos (2002), trata-se do levantamento bibliográfico divulgada em formas de livros, revistas, internet, jornais, entre outros. Sua intenção é colocar o pesquisador em convívio direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto com a finalidade de consentir ao investigador o reforço da comparação na análise de suas pesquisas. Marconi e Lakatos (2009, p. 185), ao falarem da pesquisa bibliográfica, afirmam que “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas”.

Os recursos utilizados para esta pesquisa foram livros e textos utilizados no curso de Licenciatura e nas aulas de Literatura Contemporânea, como também pesquisa em sítios eletrônicos especializados.

A pesquisa bibliográfica foi empregada no sentido de proceder à revisão bibliográfica que serviu como base para construção do referencial teórico no que tange à temática abordada.

No tocante à distribuição dos capítulos do trabalho, no primeiro deles buscaremos fazer uma contextualização histórica da inserção tardia do Brasil na denominada *cultura de massa*, do potencial que esta tem no capital econômico do País, justamente por atingir vários níveis de consumidores e, principalmente, de como o modelo de cultura deverá ser assimilado pela população, de modo que este quando difundido se torne um produto de prestígio e de ostentação para aquele que o detém, o que motiva a sua busca no mercado cultural.

Já no segundo capítulo, abordaremos especificamente os contos *O decote* e *Casal de três*, de “A vida como ela é”, de Nelson Rodrigues, explorando os aspectos ligados ao individualismo das relações humanas no seio do drama familiar, permeado por traições e insinceridades conjugais, que refletem a fixação do autor por matérias jornalísticas que retratavam escândalos extraconjugais e homicídios passionais que marcariam posteriormente

suas obras teatrais. Entendemos que aqui a frustração e a decepção estão assinaladas de maneira mais forte. Por fim, faremos um paralelo entre estes contos e o que dizem os teóricos Gilles Lipovetsky e Theodor Adorno acerca do assunto abordado. Justifica-se essa escolha pelo fato de, segundo Castro (CASTRO, 1996, p. 76), os temas abordados nas obras de Nelson Rodrigues, tanto na dramaturgia quanto nas crônicas, são recorrentes: traição, crimes em família, amor, morte. E essas misturas da dramaturgia com os contos e as crônicas tornaram-se referência de um estilo que se perpetua até os dias de hoje na teledramaturgia nacional.

Toma-se, portanto, como fundamentação teórica algumas contribuições teóricas dos livros *O luxo eterno*, *A Sociedade da Decepção*, *A felicidade paradoxal* e *A estetização do mundo*, de Lipovetsky (2006, 2012), que apresenta questionamentos sobre esses traços de insatisfação e recepcionamento na busca desenfreada do público pela beleza que se refletem nos contos de Nelson Rodrigues. Parte-se, portanto, da hipótese que os contos de Nelson Rodrigues buscam seduzir o leitor na medida em que se expõem e supervalorizam uma idéia de corpo feminino midiaticamente fabricada e inatingível para as mulheres de carne e osso.

Os contos aqui abordados mostram-se reflexos do comportamento das mulheres, de um padrão de beleza alimentado pelo capitalismo através da indústria de consumo estética e hedonista. Um ideal criado pelo capitalismo que “limita aos parâmetros de ser boa esposa, bonita e boa mãe. Isto ainda existe, embora já não seja suficiente. As mulheres também querem sentir-se realizadas com o que fazem enquanto seres humanos, com algo criativo e que diga respeito” (LIPOVETSKY, 2006, p. 19). Trata-se, portanto, em afirmar que existe uma frustração ou insatisfação na busca do *sex appeal*, ou seja, o “corpo perfeito” veiculado nos contos do autor, sendo que se trata como objeto de desejo de cultura hedonista que busca ampliar a efemeridade da beleza na sociedade.

## CAPÍTULO I – A EXALTAÇÃO DO CORPO NA ATUALIDADE

### 1.1 PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO PAÍS: INSERÇÃO NA CULTURA DE MASSA

Inicialmente, podemos destacar que circunscrevemos o tema do ponto de vista histórico para melhor abordar a questão proposta do trabalho. Ortiz (2001) afirma que a sociedade brasileira passou por um processo de evolução nas esferas econômica e social e que isso se deu de forma lenta. Segundo o autor, com a industrialização do mercado de consumo não foi diferente, durante a década de 50, através de meios estratégicos de produtividade do capitalismo, aberto uma suscitação para melhoria do país, o mercado de bens culturais contribuiu de forma considerável nesse pleito de desenvolvimento econômico da nação.

Ainda segundo Ortiz (2001), “[...] as décadas de 60 e 70 se definem pela consolidação de um mercado de bens culturais” (ORTIZ, 2001, p.113). A industrialização de mercado e bens culturais depois de ter passado por um processo político moral diante o regime militar, recebe com a lei nacional a alforria, já que o ‘mercado de bens culturais’ é tido como um instrumento de valores ideológicos na sociedade. Conforme Ortiz (2001) afirma:

Durante o período 1964-1985, a censura não se define exclusivamente pelo veto a todo e qualquer produto cultural; ela age como repressão seletiva que impossibilita a emergência de um determinado pensamento ou obra artística. São censuradas as peças teatrais, os filmes, os livros, mas não o teatro, o cinema ou a indústria editorial (ORTIZ, 2001, p. 114).

Neste período, o Brasil passou por um momento de transformação econômica, de fortalecimento do capitalismo, da ascensão de padrões de beleza e de valores estéticos por ele corporificados que passam a ser veiculados pela mídia. O que tinha valor era a objeto de produção, sendo o carretel que rola nos cinemas, no teatro, nos editoriais o início de uma tecnologia industrializada e que precede um novo valor nas esferas sociais irão dar espaço à crescente reprodução do conteúdo emanado de uma ideologia política e econômica. Isso é o que caracteriza a inserção tardia do Brasil na denominada *cultura de massa*. Sobre isso, pode-se destacar que:

Corresponde ao processo de transformação da cultura em mercadoria, esse conceito não se define pelos meios de comunicação propriamente ditos como o rádio e a televisão dentre outros. Assim, a indústria cultural consiste no uso

desses meios que a produção cultural está direcionada para o consumo. À medida que o capitalismo avança, a sociedade torna-se geradora da conservação do sistema econômico por meio de altos níveis de consumo controlados rigorosamente pela indústria cultural (FREIRE, FÉRRIZ, FÉRRIZ, 2010, p.02).

Segundo os autores citados, trata-se de um processo que produz cultura direcionada ao consumo como forma de conservação do sistema econômico por meio da mídia, como seu aparato de reprodução e difusão por excelência. Sobre este aspecto, os autores citados, seguindo a linha de Ortiz (2001), afirmam que as culturas de massa mantêm o indivíduo condicionado a esse processo de “compra” de um valor cultural que muitas vezes não é o seu. Seduzido pela sofisticação, pela praticidade, etc, a mídia promete a satisfação de um desejo por meio do seu serviço que o indivíduo mantém reprimido:

Ocorre, então, a mercantilização da cultura, uma vez que o capitalismo penetra na formação da consciência dos indivíduos. Diante dessa realidade a comunicação perde seu caráter libertador e há o impedimento da emancipação pretendida, pois todo e qualquer processo comunicativo dentro deste sistema se vê a serviço da dominação do capital (FREIRE, FÉRRIZ, FÉRRIZ, 2010, p.02).

A cultura de massa incentiva a reprodução da atualidade. A pretensão da mídia é justamente o incentivo à aquisição do objeto mostrado como sendo de valor, que passa a ser cobiçado pelo indivíduo desenfreadamente, inculcado no indivíduo nesse processo, resultando em um “impedimento da emancipação pretendida por todo e qualquer processo (FREIRE, FÉRRIZ, FÉRRIZ, 2010, p.02), pois o indivíduo passa a consumir não por necessidade, mas pelo desejo de usufruir do produto em busca de uma satisfação prometida e desejada, mas que não se extingue somente com aquisição do produto em si. Pelo contrário, a satisfação corriqueira desaparece, ao mesmo tempo em que cresce a demanda do mercado financeiro e se amplia de um leque de variedades de consumo.

A cultura de massa em consequência da indústria cultural define-se por toda cultura veiculada pelos meios de comunicação de massa sendo direcionada e produzida para ser consumida por toda a sociedade e toda produção manipulada por esses meios atende a uma ordem econômica (FREIRE, FÉRRIZ, FÉRRIZ, 2010, p.02).

Os autores destacam que a cultura de massa é uma consequência da indústria cultural e que se direciona à toda a sociedade. Destacam ainda que esta tem como consequência a construção de uma homogeneização cultural, que se impõe sobre a sociedade, deixando as

camadas mais numerosas empobrecidas culturalmente, na medida em que reprimem as demais formas de cultura, impondo aos consumidores os padrões por ela previamente designados como os que possuem valores estéticos.

A homogeneização cultural tendência das sociedades industriais reprime as demais formas de cultura, pois é imposta e tem o intuito de padronizar valores, hábitos, gostos e tradições causando o empobrecimento cultural nas camadas mais numerosas da população. Dessa forma, os consumidores assumem uma função passiva, cujo papel resume-se a escolher entre comprar ou não comprar (FREIRE, FÉRRIZ, FÉRRIZ, 2010, p.04).

Os indivíduos se mantêm condicionados a esse modelo homogeneizado de consumo como único de estilo de vida que deve ser copiado e integrado as demais. Principalmente, se as “camadas da população procurarem dissolver, assim, as distinções culturais existentes na sociedade. Em decorrência desse quadro surge o que se pode denominar de massa homogeneizada que não dispõe de senso crítico nem de individualidade” (FREIRE, FÉRRIZ, FÉRRIZ, 2010, p.05).

Os padrões de beleza se tornam produtos a serem admirado e consumidos pelo indivíduo, como se fossem o único padrão existente e possível de ser copiado pela sociedade, mesmo que esse não seja o ideal para todos os indivíduos. A ideia de veicular esses padrões é não prestar assistência a todo o público que estar em busca de um modelo de corpo homogeneizado, mas um projeto que inclui enriquecimento, manutenção de poder e veiculação de diversão barata como forma de satisfazer os públicos menos críticos.

## 1.2 CARACTERÍSTICAS DO BELO NA MÍDIA SOBRE O PADRÃO DE BELEZA DA MULHER

Ainda contextualizando a questão do ponto de vista histórico, temos que de acordo com Vigarello (2005), o século XIX passa por uma transformação imagética de corpos perfeitos, rostos delineados bem marcados por nuances e expressões. É um momento de glamour nas mídias que irão desencadear as percepções e desejos psicológicos no telespectador. Ainda conforme este autor, o cinema renovou o mundo imaginário. Renovou também os modelos de aparência, inspirando-se nas tendências do seu tempo, principalmente como se ela estivesse veiculada a ideia de beleza do corpo.

A beleza sempre foi marcada por estilos e formas em seu determinado tempo, pois sempre veicula características do que deve ser considerado um corpo bonito. Como mostra



Vigarello (2005), o cinema jogou com os corpos, a luz, a tela, os sentidos do espectador, levando longe as expectativas e os desejos do tempo. O que produz uma troca, portanto, do real pelo irreal, projetando suas silhuetas como mensageiras de beleza. Araújo e Meneses (2009) trazem um informação adicional à questão da beleza e da estética corporal feminina divulgada pelas mídias: o perfil do corpo bonito não está relacionado com aquilo que é somente natural, mas com a carga daquilo que pode ser chamado de atributos artificiais, para isso:

O artifício também estava presente nos chamados cosméticos que variavam de óleos, águas de talco, pós, pomadas, águas virginais, perfume, pó-de-arroz, ruge, as chamadas moscas (minúsculas superfícies de tafetá coladas ao rosto) que eram acrescidas à maquiagem, além dos cuidados com os cabelos (ARAÚJO, MENESES, 2009, p. 03).

Os autores confirmam a perspectiva de Vigarello (2005), dizendo que a partir do século XIX, as mulheres vão recorrer às práticas ou artifícios múltiplos para se embelezarem, sendo muitas vezes criticadas por delas se utilizarem:

Muitas foram às práticas utilizadas pelas mulheres em busca de corrigir os defeitos e adquirir beleza. Percebe-se, também, que as formas utilizadas pelas mulheres para tornarem-se belas, em muitos casos, eram criticadas pela sociedade moralista, que defendia uma beleza natural, por considerar que ao apertar o corpo com o espartilho, ou fazer uso de maquiagem para disfarçar os defeitos do rosto, estariam enganando os homens em relação a sua “verdadeira beleza”. Em muitos casos, a artificialidade poderia vir a ser aceita, quando a mulher utilizasse artifícios para conseguir um casamento (ARAÚJO, MENESES, 2009, p. 03).

Isso posto, percebe-se que essa artificialidade da beleza torna-se, então, uma necessidade às mulheres daquela época, o que as possibilitavam tornarem-se mais bonitas, com corpos mais definidos, rostos mais delineados. Mas, essa busca pela beleza era bastante criticada pela sociedade moralista, que defendia que esse comportamento de as mulheres se embelezarem servia apenas para enganar os homens, uma vez que, ao se produzirem, estariam escondendo os defeitos de seus corpos.

Enquanto os excessos de roupas e o uso do espartilho passavam a ser condenados pelos médicos, as mulheres começaram a dar uma maior visibilidade ao corpo, quer seja com a diminuição do tamanho dos vestidos, do aprofundamento dos decotes ou do uso das roupas de banho. Ao mesmo tempo em que o corpo ganhava evidência, ganhava também mais atenção e certos cuidados, que até então eram direcionados para a face. Nesse sentido, a insistente preocupação das mulheres em busca da beleza tem uma história,

assim como as formas de conceber e produzir o embelezamento (ARAÚJO, MENESES, 2009, p. 03).

Como se percebe, a busca pelo embelezamento passa a tornar-se uma constante. A preocupação com o corpo aumenta e as mulheres começam a lhe dar mais visibilidade, ao usarem roupas mais curtas e, também, roupas de banho, aumentarem o tamanho de seu decotes, entre outros artifícios. A exposição do corpo ganha força, ao mesmo tempo que ganha mais atenção e certos cuidados.

Sem dúvida o cinema e outras mídias performáticas marcam a beleza, não só como pretexto de produzir, mas também de enfatizar suas obras dando vida aos sentimentos, as emoções, a sensualidade, aos movimentos da forma conduzida pelo autor, enriquecendo o culto ao belo e potencializando os desejos. Com certeza, o olhar projetado no padrão de beleza está relacionado com um conjunto de embelezamento dirigida pelos cuidados do rosto e do corpo “embelezados”:

Expandiu igualmente o olhar projetado para a beleza. Aparelhos e modeladores se destinam às pernas, às costas, aos seios. O conjunto das superfícies parece relativizado. Produziu-se uma metamorfose definitiva, discreta, mas decisiva: o corpo ‘embelezado’ não é apenas dirigido aos cuidados do rosto ou aos movimentos físicos genéricos, ou ainda aos banhos adelgaçadores, e sim a aplicações corretivas precisas, a massagens, a intervenções topológicas variadas. O ideal primeiro se tornou o de um projeto global, uma promessa servida pela técnica e instrumentação: uma ação sobre si. (VIGARELLO, 2006, p.134).

Isso se dá na medida em que se puder observar, os efeitos cinematográficos, as filmagens focadas em pontos específicos do corpo para desdenhar a sensualidade, os efeitos de luzes que imagetivamente prendem a atenção do telespectador para aquilo que implicitamente se quer mostrar: o foco direto nas pernas, no decote, no pescoço, uma vez que todos esses elementos são vistos como pontos de sedução e imaginação do outro, como gatilhos para desencantarem o desejo no telespectador.

Dessa maneira, podemos afirmar que com o cinema a exposição de beleza pode tornar-se bastante comum e ordinário, principalmente quando essa exposição está associada a uma transmissão de um ideal da beleza ou padrão estético, que será seguido e copiado pelo telespectador.

Destaca-se uma predominância com a exposição categórica e autoritária de uma forma predominante de pensar. Dessa forma, entendemos que ele induz ou condiciona o telespectador

a consumi-lo desesperadamente ao prometer-lhe satisfação imediata, um ideal de felicidade e associado ao seu corpo:

Este desconforto se deve aos temores em relação à reação dos outros, em relação a si próprio e em relação aos temores econômicos que ele pode estar vivendo ou, até mesmo, ter este tipo de comportamento sem ter uma razão aparente; ou seja, uma insegurança em se tratando dele para com o mundo. Pode-se dizer que, muitas vezes, uma marca atua como o remédio para uma crise; ou seja, o indivíduo está com problemas e se presenteia com algum objeto e este o faz se sentir melhor (LINDSTROM, 2016, p.06).

Essa afirmação feita por Lindstrom (2016), sobre a necessidade de consumir esse modelo exposto como solução para a elevação da estima que o indivíduo (telespectador), releva que a baixa estima do indivíduo implica para esse modelo exposto e admirado e/ou cobiçado pelo indivíduo. Para Lindstrom (2016), a exposição exagerada do corpo ou a superexposição pode levar a um estímulo em busca da sexualidade que pode nos deixar cegos a respeito de nossa sociedade como indivíduo.

Atualmente, além de outras condições dos padrões de beleza do corpo, o mercado de trabalho também valoriza a aparência física e, por isso, a maioria das pessoas se preocupa em cultivar um determinado padrão estético. Isso conduziu a um desenvolvimento desse mercado, requerendo um maior e mais diversificado número de profissionais que trabalha com a beleza corporal. Vigarello (2005) enfatiza que:

Uma literatura psicológica da perseverança com vocação popular já se impusera no fim do século XIX. Ela cultivava a obstinação, a tenacidade. Ela se destinava a um público em vias de ascensão social, os assalariados administrativos, dos escritórios. Pretendia ajudá-los a ter confiança em si, o confronto num mundo de competição e de igualdade. Indicava como se tornar o mais forte, como abrir caminho na vida, como se impor pela atitude física também. Essa literatura se mantinha principalmente masculina. Visava sem dúvida o charme, mas não verdadeiramente a beleza (VIGARELLO, 2005, p. 70).

Como se percebe, no fim do século XIX já começara a existir essa preocupação com a beleza corporal, não aos moldes de hoje, século XXI, mas já nascia naquela época esse cuidado com a aparência física. É perceptível que há dois séculos essa inquietação com a beleza física tinha outro propósito que era o fortalecimento, de um modo geral do ser humano através da autoconfiança, preocupação esta um pouco diferente do momento que ora vivemos, uma vez que hoje ela está mais relacionada com uma questão de mercado.

A hipermodernidade estética coincide com a proliferação da oferta mercantil, com o supermercado dos produtos e das “receitas” de beleza em concordância com o aumento das exigências de individualidade e de personalização da imagem de si. Cada mulher é chamada a valorizar sua beleza singular, a utilizar os produtos “que são a cara” dela, a adotar o regime ou as atividades correspondentes a seu estilo de vida e à sua morfologia: o modelo da beleza diretiva, imposta de fora para dentro, é suplantado por um ideal plural, expressivo, subjetivado. A beleza consumida entrou em cheio na era democrático individualista (LIPOVETSKY, 2012, p. 178).

Dessa forma, parece ser evidente que essa repressão psicológica do ser é ambivalente pois se facilita a empregabilidade do sujeito, mas também desconstrói valores na sociedade. A busca pelo corpo perfeito na sociedade moderna é muito intensa, recorre-se a métodos como cirurgias plásticas, principalmente no uso de anabolizantes, academias, dietas mesmo que isso se dê em detrimento de fatores como saúde, valores religiosos e familiares.

Na verdade, quanto mais a autonomia dos indivíduos é reivindicada, mais se intensificam as servidões da aparência corporal, as “tirantias” da beleza em todas as idades, a exigência de conformidade ao modelo social do corpo jovem, esbelto e firme. Quanto mais legítimas as exigências hedonistas, mais se afirma um mesmo ideal de beleza, tanto mais os indivíduos requerem intervenções tecnológicas e desempenho em matéria de aparência. Assim, vemos a cirurgia estética ter um desenvolvimento espetacular (LIPOVETSKY, 2012, p. 183).

Nessa mesma direção Lipovetsky (2006), afirma que as mulheres vem sendo condicionadas a uma obrigação de se embelezarem:

Desde a Renascença, ser bela é apresentado como uma obrigação para as mulheres das classes superiores, mas com a modernidade democrática, esse imperativo se estende ao conjunto do gênero feminino. Daí em diante, já não é vão nem condenável ‘sofrer para ser bonita’, cabe a todas as mulheres trabalhar sem descanso para a conservação e o aperfeiçoamento de seus atrativos (LIPOVETSKY, 2006, p. 161).

Ainda segundo Lipovetsky (2006), foi a partir do século XX que os “produtos e práticas de embelezamento deixaram de ser um privilégio de classe. Se há sentido em falar de uma era democrática da beleza, é antes de tudo pela difusão dos cuidados estéticos em todas as camadas sociais” (LIPOVETSKY, 2006, p. 130). Além disso, o autor também aponta que a cultura do

embelezamento, também está fortemente centrada na concepção da beleza feminina “comprada” no mercado capitalista:

São sem dúvidas numerosas as vozes que, apelando para o pluralismo estético, protestam contra os caminhos balizados da beleza feminina, traçados pelas mídias. Mas a força delas é escassa, comparada com o demiurgismo moderno que promete uma beleza infinitamente perfectível. Quem pode duvidar de que, amanhã, as mulheres, e também os homens, quererão ainda e sempre parecer mais bonitos e mais jovens do que sua idade? É provável que nada detenha a fuga para frente ativista: recursos cada vez mais numerosos, cada vez mais *high-tech* serão utilizados para corrigir as desgraçosidades do corpo, embelezar o rosto, lutar contra o peso e as rugas (LIPOVETSKY, 2012, p. 151).

As práticas de embelezamento deixaram de serem práticas de luxo e se encontram ao alcance de, praticamente, todas as mulheres, uma vez que os produtos de beleza se tornaram cada dia mais variados e com preços também acessíveis. São muitas as opções, as marcas e os preços: o batom, a sombra, o esmalte, os bronzeadores, as tinturas de cabelo, os cremes etc, que podem ser adquiridos pelas mulheres dos diferentes segmentos sociais. Ao passar dos anos, percebe-se que essas práticas de embelezamento corporal alcançaram patamares os mais diversos e polêmicos também, ao ponto de o corpo perfeito ser visto como objeto de negócio, comercialização.

[...] Supõe uma atenção a certas partes do corpo - o busto, as pernas, ondulações equívocas de um corpo de serpentina -, a uma maneira de olhar de mergulhar no do parceiro ou os do espectador num momento em que a jovem apropriada sempre baixa os olhos ao se dirigir a um homem, a uma maneira de falar também, materializando para algumas um extraordinário *sex appeal* da voz (VIGARELLO, 2005, p. 251):

A estética do *sex appeal* é sucesso nas “telonas” do cinema e nasceu nos séculos passados, consagrando muitas estrelas, como é o caso de Lilian Harvey, Mary Moore, entre tantas outras, e se firmando até os dias atuais.

Os fatores que direcionam a necessidade de um “corpo perfeito”, bem como o *sex appeal*, o que quer dizer que a beleza física atualmente está sendo trabalhada de certa forma relacionada com o sexo, ou seja, dá uma ideia de que o corpo ideal é um objeto de negócio, de comercialização, com o intuito do cuidado de si e da volúpia consigo mesmo.

A busca pelo corpo perfeito durante esses dois séculos de história teve vários fatores justificadores, como cuidados com a saúde, elevação da autoestima, arranjo de empregos, entre outros. Só que tem quem enxergue que essa busca passou dos limites morais aceitáveis, quando, por exemplo, recorreu ao uso de anabolizantes, cirurgias plásticas, etc. O certo é que a cultura de massa, bem disseminada, diga-se de passagem, pela indústria de consumo, incutiu na sociedade essa ideologia de que o corpo perfeito é uma necessidade do ser humano, necessidade esta que para ser atendida justifica os mais variados esforços por parte de quem a busca.

## CAPÍTULO II - INTERPRETAÇÃO DOS CONTOS *O DECOTE* E *CASAL DE TRÊS*, DA *A VIDA COMO ELA É*, À LUZ DA CULTURA DO EMBELEZAMENTO

### 2.1 BREVE CARATERIZAÇÃO DE *A VIDA COMO ELA É* (1999), DE NELSON RODRIGUES.

Passemos agora aos textos de Nelson Rodrigues nos quais essa discussão a respeito da busca da beleza e suas consequências foram tematizadas contemporaneamente. Segundo Castro (1996), o dramaturgo e escritor brasileiro Nelson Rodrigues nasceu em Recife em 1912, filho de Maria Esther e Mário Rodrigues, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde desde cedo se dedicou ao jornalismo policial na gazeta *A Manhã*, pertencente ao seu pai Mário Rodrigues. A fixação de Nelson Rodrigues por matérias jornalísticas que envolveriam escândalos extraconjugais e homicídios passionais marcariam, com o passar do tempo, suas obras teatrais. As obras de Nelson Rodrigues abordam um leque bibliográfico que está relacionado “tanto na dramaturgia quanto nas crônicas, com temas onde são recorrentes: traição, crimes em família, amor, morte. E essas misturas da dramaturgia com os contos e as crônicas tornaram-se referência de um estilo que se perpetua até os dias de hoje na teledramaturgia nacional” (CASTRO, 1996, p. 76).

O legado bibliográfico de Nelson Rodrigues, ainda segundo Castro (1996), se resume em vinte oito livros publicados, dezessete peças teatrais, sete adaptações de obras para a televisão, além de vinte e uma que foram adaptadas para o cinema. A bibliografia de Rodrigues explora os aspectos sórdidos e individualistas das relações humanas no seio do drama familiar, permeado por traições e insinceridades conjugais. Para Sacramento e Cardoso (2011), esses temas abordados por Nelson Rodrigues representam uma análise sobre o cotidiano familiar a partir de uma ótica pessimista que, reunidas sob a orientação de Ruy Castro, o livro *A Vida Como Ela é* (1999), se trata de uma coletânea de contos, que posteriormente foi adaptada em forma de séries à televisão brasileira.

Conforme mencionam Sacramento e Cardoso (2011), Nelson Rodrigues começou a escrever os contos que mais tarde constituíram a obra *A vida como ela é*, na coluna do jornal *Última Hora* na década de 50. As histórias baseadas em fatos verídicos eram publicadas na seção de crimes do jornal:

As histórias de *A vida como ela é...*, logo se tornaram populares, por seu fácil acesso (jornal), linguagem objetiva, textos curtos e com o uso de gírias/expressões faladas à época: As gírias estavam em todo lugar. Homem bonito era um pão; algo muito bom era

bárbaro; uma pessoa charmosa tinha borogodó; se alguém queria se exibir, tirava uma chinfra; o fácil era sopa no mel; e se você bobearse estava marcando touca. (SACRAMENTO e CARDOSO, 2011, p. 03).

Sacramento e Cardoso (2011), também comentam que os textos do autor inicialmente foram considerados marginais, pornográficos, obscenos e escandalosos para a época, devido aos enredos que giravam em torno do adultério e do sexo, considerados imorais para uma sociedade ainda puritana e conservadora, que não tolerava que os casos extraconjugais fossem expostos de forma tão nítida por Nelson Rodrigues em seus contos. Segundo Santos (2009), quando os contos foram adaptados para a televisão, os casos extraconjugais ali relatados se tornaram amplamente conhecidos pelo público em geral. Dessa maneira, a série adaptada à TV, baseada nos contos de Nelson Rodrigues, representa a sociedade brasileira meados do século XX em processo de transformação, devido à inserção do contexto brasileira na cultura de massa através das obras de autor.

O telespectador que assiste *A Vida Como Ela É* está acostumado ao tipo de linguagem criada pelo autor, que se tornou padrão na teledramaturgia. Isso acaba por facilitar a absorção das mensagens presentes na história. O alcance desses contos em diversas esferas da comunicação e durante muitos anos parece esconder uma série de transformações da sociedade em que a obra se insere, e reforça estereótipos criados pelo dramaturgo em seus escritos originais. O fato de um autor dessa dimensão ter tido textos recentemente adaptados para televisão, atualmente o meio de comunicação de maior alcance no Brasil, sugere um reforço ou resgate de conceitos já arraigados na sociedade patriarcal brasileira (SANTOS, 2009, p. 37).

A adaptação ou o livro *A Vida Como Ela é*, para alguns estudiosos das obras do Nelson Rodrigues, como Sacramento e Cardoso (2011), apresenta uma faceta mais sórdida e triste da realidade humana, demonstrando uma ficção que reflete as nossas contradições e dilemas no seio familiar, sob uma perspectiva com tons sórdidos, temperada com um humor negro ao longo narrativo.

Como uma narrativa triste e cruel; contudo, o autor não nega esta característica da obra e de suas outras produções, pois compartilha do entendimento de que a realidade precisa ser revelada, doa a quem doer. Assim, a ficção e a realidade estão presentes e estabelecem um limite muito tênue em sua narrativa. É, a partir da realidade, que surge a inspiração para se fazer a ficção e o próprio autor se nomeia ficcionista (SACRAMENTO e CARDOSO, 2011, p. 03).



A obra de Nelson Rodrigues pode ser compreendida como uma narrativa que tem como pano de fundo a realidade urbana, sendo exploradas as relações familiares e seus pormenores através de contos relativamente breves e com linguagem e expressão do cotidiano. Ainda de acordo com Sacramento e Cardoso (2011), os contos contidos na obra são “histórias inspiradas nas notícias veiculadas na seção de crimes do jornal e, por isso, são trágicas, recobertas com humor negro e romantismo” (SACRAMENTO e CARDOSO, 2011, p.04).

As características dos contos de Nelson Rodrigues são marcadas por temporalidades no interior do texto dramaturgico que é, por um lado, testemunha de sua própria contemporaneidade e, por outro, depositário dos tempos anteriores, responsáveis por aspectos de sua formação. Por um lado, há aspectos da longa duração de elementos relativos às mentalidades brasileiras, presentes na estrutura profunda do texto rodriguiano. Por outro, existe o impacto que esses mesmos elementos podem ter em nossa cultura.

Dentre as possibilidades de comparação com a obra do autor, a que mais se mostra plausível, cremos, é a equacionada em torno dos usos e costumes em relação às posturas morais e sexuais no Brasil. Esse aspecto de nosso caminho cultural e histórico nos interessa particularmente porque é uma chave muito importante para o entendimento da obra, eivada de transgressões morais e sexuais.

De acordo com Brandão (2014, p. 68), as obras de Nelson Rodrigues representam traços da constituição identitária da sociedade brasileira, principalmente ligados à tradição do que se convencionou chamar de patriarcalismo, profundamente enraizado em nosso imaginário e na estrutura profunda de nossas relações culturais, e estão fundamentadas no predomínio da lei paterna, que abomina o incesto e se sustenta a partir do controle da sexualidade.

A lei patriarcal estipula que seus ditames de cerceamento e manutenção de poder devem ser mantidos a todo custo. São obras como a de Nelson Rodrigues que nos arrebatam ao interior desses constructos formados por ideias tão solidamente construídas e, ao mesmo tempo, tão frágeis ao serem analisadas pelos estudiosos.

Esses contos são relatos complexos da realidade brasileira, mas um reflexo curto e pontual do cotidiano como o lugar comum para as narrativas. Os personagens por sua vez são os mais verossímeis possíveis, assim como seus enredos. Corroborando, o que Sacramento e Cardoso (2011) afirmam sobre a questão:

Quanto às reticências no título desta obra, pode-se dizer que, ao instituí-las, Nelson Rodrigues convida o seu leitor a aprofundar a imaginação e a subjetividade, através das narrativas, pois, seguindo sua observação do dia-a-dia, o autor criou personagens completamente verossímeis e

passíveis de serem encontrados na vida cotidiana (SACRAMENTO e CARDOSO, 2011, p.04).

Dessa maneira, quando interpretamos os contos de Nelson Rodrigues nos deparamos com temas bastante inerentes ao ser humano e sua vida em sociedade, pois os mesmos retratam a memória e a cultura do cotidiano, sendo o conteúdo perfeitamente contemporâneo e a discussão atualizada.

## 2.2 ANÁLISE DOS CONTOS *O DECOTE* E *CASAL DE TRÊS*, DE *A VIDA COMO ELA É*, DE NELSON RODRIGUES, À LUZ DAS TEORIAS DE ADORNO E LIPOVETSKY

Especificamente escolhemos como *corpus* desse trabalho os contos, *O decote* e *Casal de três*, de *A vida como ela é*, de Nelson Rodrigues, que posteriormente foram adaptados para a televisão, onde os personagens aparecem, ao contrário do que acontece na literatura clássica, expostos à infelicidade, ao fracasso, a insatisfação no casamento, no exercício de sua sexualidade e no trabalho. Entendemos que existe ali essa exposição dos personagens à supervalorização da beleza corporal, do “corpo perfeito” saudável e viril. Entendemos ainda que Rodrigues coloca em discussão a questão ideal de beleza e frustração por via de seus personagens ambientando essas questões num Rio de Janeiro do anos cinquenta, momento de inserção do Brasil no capitalismo tardio.

Os contos aqui trabalhados são partes da obra intitulada de “A vida como ela é”, que segundo o próprio autor, recebeu este nome por abordar temas de tristeza ininterrupta e vital. Obra esta que tinha uma face pessimista, triste e cruel, pensamento que não era negado pelo autor, uma vez que afirmava que a realidade faz parte da vida, mesmo que seja dura e cruel.

Para alguns autores como, por exemplo, Novaes (2013), a beleza moderna, longe de prometer uma compensação narcísica à mulher, agudiza sua frustração e sua impotência face à potência da imagem. A mulher passa a ser mais algoz de si mesma em relação à beleza. Com isto, esquece-se de todos os aspectos subjetivos envolvidos no processo de envelhecimento.

Se por um lado a cultura impõe de forma radical uma estética onde não há lugar para a velhice, por outro é preciso estar atento à medicalização que retira do sujeito as implicações subjetivas do sofrimento que é posto magicamente através de uma intervenção cirúrgica, de uma medicação adequada ou de um tratamento rejuvenescedor.

Os contos escolhidos como *corpus* do trabalho, como mencionado anteriormente, *O decote* e *Casal de três*, de Nelson Rodrigues, tem histórias semelhantes, pontos comuns. Ambos narram casamentos mal sucedidos, neles estão presentes traições, sendo que estes relacionamentos extraconjugais envolvem amigos da pessoa traída, violência, curtos períodos de lua-de-mel, interferência de parentes na relação do casal e, o que mais chama atenção, o fato de o embelezamento feminino estar diretamente relacionado a essas traições.

No primeiro conto, *O decote*, o autor narra a história de um casal que teve uma lua-de-mel curtíssima, o que causou uma desilusão amorosa na esposa e, conseqüentemente, desmotivação no casamento. Essa desmotivação fez com que a mulher passasse a se embelezar para outros homens e a trair seu marido, por conseqüência. A beleza assume assim um função no conto de explicitar a vontade de vingar-se da mulher, uma função de compensação para a sua infelicidade conjugal. O autor ainda fala da interferência de parentes na relação do casal, no caso, da mãe que procura seu filho para alertá-lo sobre uma traição de sua nora, ao mesmo tempo em que exige dele um posicionamento de “homem”, que nada mais seria que a atitude de pôr fim ao casamento. Atitude esta que foi inicialmente descartada pelo filho, mas que o levou a tirar a vida da esposa posteriormente. A busca da beleza para a mulher tem portanto um caráter trágico, pois está associada aqui à busca pelo proibido, à transgressão de valores morais postos e de institutos sociais estabelecidos. Esse impulso de usar a beleza para a vingança é causa da tragédia, da morte trazendo assim um caráter moralizante ao conto.

Já no segundo conto, *Casal de três*, o autor conta a história de um casal que, igual ao do primeiro conto, teve núpcias breves, e que teve vida matrimonial melancólica, até o momento em que surge uma terceira pessoa na vida do casal, que era amigo do marido e que, posteriormente, tornou-se amante da esposa. A violência neste conto aparece quando o marido ameaça o amigo a não se casar com outra, mas sim continuar sendo amante de sua esposa, enquanto que o parente, sogro do marido, surge ao dar conselhos a este para que ele vivesse seu casamento da melhor maneira possível, mesmo que isso lhe custasse dividir sua amado com um amigo seu.

Como se pode notar, em ambos os contos enfatizam-se a função do embelezamento feminino, onde o autor associa maior beleza com maior felicidade e com maior autonomia feminina em relacionamentos extraconjugais estimula-se também padrões estéticos lascivos. Theodor Adorno e Gilles Lipovetsky que acreditam que esse fator se dá em função da cultural de massa, produto da indústria cultural e, por esse motivo, essa felicidade consumista é ocasional. Para Lipovetsky (2012, p. 252)

A norma tradicional da beleza campesina de robustez e de volumes cede lugar a uma sedução sexy e longilínea que exige regime dietético, exercícios físicos, mais também maquiagem, produtos de cuidados diários, cirurgias estéticas. Inexoravelmente, triunfa um modelo estético internacional que exige a mulher esbelta, o *sex appeal*, o glamour exuberante, os cuidados consumistas com o corpo.

Ainda conforme Lipovetsky (2006), a sociedade atual vive um dilema, incentivando a busca pelo prazer e pela beleza estética como modo de satisfação pessoal e promessa de felicidade, ao mesmo tempo em que restringe o acesso a esse padrão de beleza através de um anseio de felicidade ocasional e consumista.

Adorno (1985), por sua vez, vai além do que diz Lipovetsky (2006) ao afirmar que a denominada Indústria Cultural, estimula através da mídia de massa desejos e aspirações voltadas para a busca do prazer, frequentemente oferecendo satisfação como uma promessa que não pode ser realizada pelo telespectador. Para o autor, a Indústria Cultural, alimenta desenfreadamente desejos e sonhos todos os mais inalcançáveis para a maioria do público, restringindo o acesso aos padrões de beleza e prometendo uma felicidade ocasional através do consumo.

Para Adorno (1985), a grande força da indústria cultural se verifica em proporcionar ao homem necessidades. Ele ainda afirma que esta indústria impede a formação do indivíduo autônomo, independente, capaz de julgar e decidir conscientemente. Com isso, o autor quer dizer que o indivíduo tornou-se um objeto nessa cultura de massa, não tendo, portanto, vontade própria, mais sim correndo atrás de uma felicidade ofertada que acaba sendo passageira e vazia.

Sendo assim, nos contos a busca da beleza corporifica esse vazio de que fala Adorno, essa frustração por querer ser o que não se é, de querer ter o que não se tem, o que nos contos rodriguanos tendem a acabar em morte e tragédia. Rodrigues tematiza, portanto, a questão da frustração feminina usando a beleza para tratar da moralidade/imoralidade da sociedade de sua época utilizando-se para isso tons trágicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho partiu da observação de quão importante se tornou a questão do embelezamento feminino frente a cultura de massa, produto da indústria cultural. Como parâmetro para trabalharmos essa questão, analisamos os contos *O decote* e *Casal de três*, de “A vida como ela é (1998), de Nelson Rodrigues,” à luz das teorias de Theodor Adorno e Gilles Lipovetsky.

Foi a partir do século XIX que se começou a enxergar uma preocupação constante com o culto ao corpo, assunto que muito interessava a indústria de consumo, visto que atingia diversas classes sociais e públicos de todas as idades. A sociedade brasileira, apesar de tardiamente, conforme Lipovetsky (2006), também se inseriu nesse contexto de cultura do embelezamento feminino.

Dito isto, objetivou-se, nesse estudo, identificar e discutir alguns traços ligados à ambiguidade relacionada aos contos *O decote* e *Casal de três*, de “A vida como ela é (1998)”, de Nelson Rodrigues, à luz das teorias de Theodor Adorno e Gilles Lipovetsky. Para tanto, explanou-se sobre a exaltação do corpo na atualidade, através do processo de modernização do país, ou seja, sua inserção na cultura de massa, caracterização do belo na mídia sobre o padrão de beleza da mulher, interpretação dos contos em análise à luz da cultura do embelezamento, até chegarmos ao objeto de discussão do trabalho.

Começando pelos contos aqui destacados, percebemos que o autor enfatiza que, a partir do momento que resolveu se embelezar, a mulher se tornou mais independente, capaz de decidir por si mesma e, por consequência, mais feliz, uma vez que toma suas próprias decisões. Embora essa não pareça ser a intenção do autor, ele também direciona, nos contos, para uma relação entre corpo perfeito e *sex appeal*, o que quer dizer que a beleza física tem relação direta com o sexo. Ele ainda incita, apesar de ser de forma oculta, uma felicidade no exercício de padrões não tradicionais, como a prática do adultério.

Já os teóricos Adorno e Lipovetsky consideram essa questão do embelezamento feminino como sendo fruto de uma cultura de massa, produzido pela indústria cultural, que oferece ao indivíduo uma felicidade momentânea através do consumo, que se traduz em frustração do mesmo. Para esses teóricos, além de ocasional, essa felicidade prometida pela indústria cultural, ao contrário do que esta prega, não estar disponível a todas as classes sociais e a pessoas de diferentes idades.

Por fim, fazendo um paralelo entre o que dizem Nelson Rodrigues, Theodor Adorno e Gilles Lipovetsky, percebemos que o primeiro defende a ideia de que o embelezamento feminino reproduz felicidade nas mulheres mesmo que momentânea e com consequências trágicas, diferente do que pensa a cultura do embelezamento que proporciona no indivíduo uma felicidade momentânea, haja vista se tratar de algo supérfluo e fugaz, o que se traduz em frustração do sujeito. O primeiro transparece que o embelezamento está diretamente relacionado com o empoderamento, ou seja, a medida que as mulheres se embelezam, mais poderosas elas ficam, diferente do que afirmam os últimos que dizem que a indústria cultural transforma o indivíduo em objeto no momento em que impõe padrões de beleza, portanto, sem vontade própria.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON BRANDÃO, L. H **O corpo e suas narrativas. Envelhecimento feminino e culto ao corpo** *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. (2014).

ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guildo A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ARAÚJO, P. M. & MENESSES, M. T. **O perfil do corpo bonito principalmente para ver a boa leitura do Nelson**. Do periódico ao literário: da efemeridade à permanência em *A vida como ela é* *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. (2009).

BUCCI, Eugênio. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CASTRO, A. T. **A VIDA DE NELSON RODRIGUES**, *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. (1996),

CASTRO, M. G. **A brutal solidão negra no paraíso racial: a representação do negro no teatro brasileiro moderno a partir da leitura da peça Anjo negro**, de Nelson Rodrigues, *cadernos pagu* (29), julho-dezembro de 1996.

CONTI, M. G. BERTOLIN, H. G., PERES, M. T. **Toda Nudez De Nelson Rodrigues na Cinema**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. (2010).

CORTAZAR, Júlio. **Vasile do Cronópio**. São Paulo: Ática, 2007.

FREIRE, M. FÉRRIZ, G. FÉRRIZ, J. **O corpo e suas narrativas. Envelhecimento feminino e culto ao corpo** *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. (2014).

FREITAS, VALENTIM E FERNANDES, **O corpo e sua exposição excitante principalmente quando existe uma maneira melhor**. Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. (2014).

LAKATOS, E, m e Marconi, M. **A técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 5ªEd; 2002.

LINDSTROM, Martin. **A Lógica do Consumo: verdades e mentiras sobre por que compramos**. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas**. trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade da Decepção**. trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **A felicidade paradoxal e A estetização do mundo**, São Paulo: companhia das Letras, 2012.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiura: sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio: Garamond, 2013.

RODRIGUES, Nelson, **A vida como ela é** —: O homem fiel e outros contos. Nelson Rodrigues; seleção Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ORTIZ, Renato. **O Mercado de Bens Simbólicos**. In: A Moderna Tradição Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1947.

\_\_\_\_\_. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

SACRAMENTO, Sandra Maria P. do e CARDOSO, Shirley Pereira. **Do periódico ao literário**: da efemeridade à permanência em *A vida como ela é*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. 2011.

VILHENA, J. & MEDEIROS, S. **A violência da imagem**. Estética, feminino e contemporaneidade. In. **Revista Mal Estar e Subjetividade**. Vol. VI. N.2, Fortaleza. UNIFOR. Disponível em: <<http://www.unifor.br/noticia/file/797.pdf>> Acesso em Julho, 2005.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**, trad. Léo Schlafaman, Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIGARELLO, George. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

ZECHLINSK, M. G. **A vida como ela é**: imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues *cadernos pagu* (29), julho-dezembro de 2007:399-428.